

PARÔNIMOS E PAROLAGENS

Júlio César Castilho Razera¹

Os recém-casados Dora e Saulo viviam aquela fase bonita e adocicada de um casal que se inicia com afincos e determinação no matrimônio.

Dora tinha qualidades apreciáveis. Afinal, era moça bonita, prendada e de bom caráter. Porém, também fazia parte dela uma pouca posse intelectual, alguma ingenuidade e muita dispersão. Saulo era professor bem empregado e com boas referências acadêmicas. Nesse contraste, os dois se encaixavam perfeitamente aos problemas afetivos e domiciliares incipientes. Ambos se entendiam muito bem.

Saulo, muito quieto e compenetrado, sentia-se, ao final de cada dia, enfasiado, um inútil por causa do cansaço. Recolhia-se cedo e quase não participava socialmente de seu meio. Os vizinhos o julgavam um moço educado, cortês, mas sisudo e extremamente retraído. De fato, a sua face quase não revelava que fosse diferente disso. Extrovertido não era mesmo. Talvez pela profissão exercida, um tanto estafante.

Ao contrário dele, a faladeira de sua esposa entrosava-se facilmente com as pessoas, tornando-se amiga prestativa da vizinhança. Falava e brincava com todos. O seu jeito meio criança prevalecia e todos gostavam muito dela.

Assim viviam ambos, sempre em paz. Até que um determinado dia, chegando em casa, Saulo diz à esposa:

- Vamos conversar, Dora, porque hoje estou com logorréia. Puxa! Estou mais disposto, sinto-me diferente mesmo. Quem diria, eu com logorréia. É nossa convivência matrimonial. Só pode ser...

Saulo fez uma breve pausa, mas complementou logo em seguida: - Ou são essas vizinhas, sei lá! Ah, vocês mulheres...

A esposa, boquiaberta, como se tivesse levado um choque muito forte, senta-se lentamente na cadeira mais próxima, antes procurando os assentos com as mãos, como se perdesse momentaneamente o equilíbrio. Enquanto isso, o marido confirma:

¹ Doutorando em Educação para a Ciência (UNESP). Professor do Departamento de Ciências Biológicas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié, BA. E-mail: juliorazera@uesb.br ou juliorazera@yahoo.com.br.

- É verdade. Estou com logorréia. Você não está me achando diferente, heim? É algo novo em mim. Nunca tive isso antes. Experiência interessante.

Dora, no entanto, voltando do choque e rapidamente levantando da cadeira, esbraveja dedo em riste:

- O quê? Você tem coragem de chegar em casa e dizer na maior cara de pau o que acaba de dizer? Deveria ter vergonha, seu cafajeste! Nunca pensei que fosse capaz disso! Ah, se eu soubesse! Não teria me casado com você... E eu que sempre pensei... Puxa! Como você está sendo injusto comigo... Antigamente era incapaz de... Como teve coragem... Com outras mulheres... Minhas vizinhas... E chora com veemência entre as frases cortadas pelo soluço.

Foi vez de o marido sentar-se, agora ele boquiaberto com a chuva de repreensão. Pouco depois, mostrando-se bastante sereno, levanta-se e segura com as duas mãos os ombros da esposa, dizendo entristecido:

- Calma! Já passou a minha logorréia. Não estou mais com logorréia. Você conseguiu acabar com ela rapidamente. Quem tem logorréia crônica é você, sem dúvida.

Afastando-se lentamente da esposa, desabafa em voz baixa, mas em tom de ameaça que nunca cumpriria, com certeza.

- Qualquer dia desses eu deixo de ser um cavalheiro. Aí você vai ver.

Ao término dessa curta e incisiva declaração, Saulo foi saindo quieto e cabisbaixo, deixando Dora pensativa, sem entender direito o que realmente acontecera ali naqueles últimos minutos, mas não sem antes retrucar.

- Ora, nem sabia que você andava "de" cavalo.